

Truzzi, Oswaldo; Monsma, Karl
Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente
Sociologias, vol. 20, núm. 49, 2018, Setembro-Dezembro, pp. 18-23
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFRGS

DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-02004901>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86858087002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Apresentação

Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente

Oswaldo Truzzi*

Karl Monsma**

Resumo

Este texto tem por objetivo problematizar a temática das migrações e sua importância no campo sociológico, tendo em vista o incremento global recente dos fluxos migratórios, que não se faz acompanhar de políticas adequadas à sua gestão, configurando um quadro social dramático e complexo cuja compreensão constitui um grande desafio para as ciências sociais e para a sociologia em particular. Buscando trazer elementos que contribuam para a compreensão da questão e para estimular o debate produtivo em torno dela, o texto introduz um conjunto de trabalhos que compõem o dossiê *Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente*. Os artigos apresentam diferentes dimensões da problemática: em termos de abrangência (internacional ou focada no Brasil), em termos de passado e presente, em termos de abordagens macro e micro.

Palavras-chave: Fluxo migratórios, História das migrações, Migrações transcontinentais, Novos imigrantes, Refugiados.

*Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Sociology of migrations: between the understanding of the past and the challenges of the present

Abstract

The purpose of this text is to problematize the issue of migration and its importance as a subject of sociology, in view of the recent intensification of migration flows on a global scale, what is not accompanied by appropriate migration policies and governance. This leads to a dramatic and complex social framework whose understanding constitutes a major challenge for the social sciences and for sociology in particular. Seeking to bring elements that contribute to the understanding of the question and to stimulate its discussion, the text introduces a set of works that comprise the dossier *Sociology of migrations: between the understanding of the past and the challenges of the present*, offering insights on different dimensions of this issue: in terms of scope (international or focused in Brazil), in terms of the past and the present, in terms of macro and micro approaches.

Keywords: Migration studies, History of migrations, Transcontinental migrations, New immigrants, Refugees

Migrações constituem um dos campos mais abordados e compartilhados por tradições disciplinares distintas. Sociologia, antropologia, ciência política, demografia, economia, história – cada uma traz algo à mesa, seja teórica, seja empiricamente. Na tradição disciplinar da sociologia, desde a clássica obra de Florian Znaniecki e William I. Thomas, *The Polish Peasant in Europe and America*, publicada em cinco volumes entre os anos de 1918 e 1920, o estudo das migrações sempre ocupou um lugar central. No Brasil, não foi diferente, já que refletir sobre o migrante sempre representou um convite à discussão de temas candentes na sociedade brasileira, como o preconceito, o racismo, a segregação, a inclusão e a mobilidade sociais, a democracia e a identidade nacional.

No mundo atual, as migrações internacionais adquiriram uma grande visibilidade resultante tanto do incremento dos fluxos migratórios à escala global quanto das deficiências associadas à gestão de sua política. Nesse contexto, as migrações internacionais se configuraram como fenômeno

por vezes dramático e fundamental à compreensão da complexidade de nossas sociedades, ao mesmo tempo em que se apresentam como um grande desafio acadêmico, ao trazerem à baila uma grande diversidade de elementos teóricos e empíricos.

Afinal de contas, fluxos migratórios e de refugiados reposicionam geograficamente indivíduos portadores de elementos de história e cultura singulares através de sociedades diversas, que acabam elas próprias se ressignificando em um processo complexo de interação social. Migrantes muitas vezes não são bem-vindos e causam ansiedade ao serem encarados como ameaças econômicas, políticas e culturais; outras vezes, são simplesmente invisibilizados, e outras ainda, encarados como necessários ou até mesmo convenientes.

Desse modo, o tema das migrações internacionais, para não se converter em tema tabu, polarizado por pressupostos e soluções irrefletidas e preconceituosas, necessita ser amplamente discutido, na sociologia em particular. Tal reflexão felizmente vem abrigando dimensões distintas, como as presentes neste dossiê: em termos de abrangência (internacional ou focada no Brasil), em termos de passado e presente, em termos de abordagens macro e micro.

Para começar, o artigo de José Moya (2018), focado em uma escala temporal pouco comum no Brasil por sua larga abrangência, busca argumentar como as migrações transcontinentais, nas várias formas que assumiram – assentamento paleolítico, conquista e colonialismo, escravidão, movimentos de massa livres e diásporas mercantis – e na maneira como estas interagiam com os ambientes receptores, moldaram a formação histórica da América Latina. Baseado em uma massa impressionante de referências, o autor, com pronunciada desenvoltura “geográfica”, desenvolve argumentos instigantes para se pensar uma série de aparentes contradições da América Latina: o fato de ser a região mais diversa do mundo em termos raciais e, ao mesmo tempo, aquela culturalmente mais homogênea; a que exibe as mais altas taxas de criminalidade/homicídio, mas também os menores índices de guerras civis e internacionais, holocaustos e outras formas de violência coletiva; e a

que mostra os mais altos índices mundiais de desigualdade social, mas que incluiu também algumas das áreas historicamente mais igualitárias no mundo.

Segue o artigo de Monsma e Truzzi (2018), cujo foco são as representações atuais, vistas como problemáticas, dos “novos imigrantes” não europeus nos países da Europa e da América do Norte. Os autores argumentam que tais representações apresentam como contraponto uma construção dos fluxos ‘antigos’ de imigrantes como compostos quase exclusivamente de “brancos”, contribuindo para uma imagem da Europa Ocidental e de alguns países da América – principalmente Estados Unidos, Canadá e Argentina – como países essencialmente brancos. Tal operação é confirmada pela institucionalização de uma memória seletiva, na qual são sistematicamente reprimidas as memórias que pouco se ajustam às narrativas da formação de nações de brancos. Tais representações, por sua vez, só se mostram plausíveis porque calcadas sobre várias formas de amnésia social, entre as quais se destacam o esquecimento sobre o passado colonial de cada uma dessas sociedades receptoras e sobre as dificuldades e resistências à integração que imigrantes “antigos” tiveram que enfrentar para serem aceitos e se incorporarem plenamente às respectivas sociedades.

Ao se indagar sob quais pré-requisitos a categoria *refugiado* é aplicada pelas autoridades e acessada pelos próprios refugiados, o artigo de Anja Weiss (2018) contribui para o debate em curso sobre a distinção entre refugiados e migrantes, por meio da análise de casos de trajetórias de vida dos que buscam refúgio. Suas conclusões indicam que a experiência de perseguição violenta e de falta de proteção constitui apenas um fator, que em si não é decisivo para o fato de uma pessoa se tornar um refugiado em termos legais. No caso alemão, dispositivos legais e administrativos impedem a maioria dos que buscam refúgio de chegar ao país, ao mesmo tempo em que apenas uma minoria dos que chegam precisando de proteção são reconhecidos como refugiados. Ademais, a autora argumenta que a busca de refúgio está inserida em uma trajetória de vida e que a (auto) atribuição da categoria de refugiado e a descoberta de um refúgio seguro também dependem dos recursos que uma pessoa detém (acesso a informação, tempo, dinheiro, formação acadêmica) e do que denominou de sua autonomia

socioespacial, a capacidade de permanecer em um contexto bem equipado ou de procurar um melhor. Desse modo, o artigo promove *insights* valiosos para se entender quem “se torna” um refugiado, ao apontar não apenas condicionantes estruturais, mas também o efeito da ação (agência) de indivíduos dispostos a recuperar o rumo de suas vidas.

Os dois artigos seguintes discutem como o imigrante foi tratado nas Ciências Sociais brasileiras. O primeiro deles, de autoria de Gustavo Taniguti (2018), em parte baseia-se em pesquisa inédita realizada nos arquivos da UNESCO em Paris e é focado no período 1940-1960. O autor procura colocar a nu a dinâmica de relações, que contribuiu para a realização dos estudos sobre imigrantes, as atividades de certos intelectuais que tiveram centralidade no tema, a formação de redes internacionais de pesquisadores e os conteúdos teórico-metodológicos que nessas foram produzidos e mobilizados. Conclui que tanto a internacionalização do debate acadêmico-científico, promovida em particular pela UNESCO, quanto as disputas entre diferentes projetos acadêmicos, especificamente as críticas dirigidas aos estudos de comunidades produzidas nas ciências sociais paulistas, conjugaram-se para produzir novos esquemas analíticos e parâmetros para o estudo das relações étnico-raciais no período.

Por outro lado, Márcio de Oliveira (2018) busca compreender o lugar e o papel desempenhado pelos estudos sobre imigração no campo específico da sociologia brasileira entre os anos de 1940 e 1970. O autor argumenta que inicialmente os estudos migratórios foram bastante pautados pelo tema da assimilação, tanto do ponto de vista da política do estado, quanto da perspectiva de acadêmicos interessados em estudos de comunidades. Já a partir das décadas de 1960 e 1970, tal enfoque perde vigor, debilitado por estudos mais interessados em explicar a mudança social sob um viés no qual uma perspectiva de classe é mais nítida. Como resultado, o autor conclui que o abandono do referencial teórico da assimilação/aculturação acabou por eclipsar o tema de estudo.

Por fim, o artigo de Mônica Raisa Schpun (2018) focaliza os deslocamentos migratórios do artista plástico Lasar Segall (1889-1957), argumentando tratar-se de um caso paradigmático para o estudo das

migrações de artistas. A autora demonstra como o artista se valeu dos recursos de sua experiência migratória internacional entre Brasil e Europa para compor uma pintura original, e também como tal experiência influenciou a recepção (aqui e lá) de sua obra pelos críticos.

No campo dos estudos migratórios, por si só bastante fragmentado e no qual a primazia dos estudos monográficos reina quase absoluta, contribuindo para a subteorização da área, o presente dossiê pretende contribuir para mitigar tal viés, desfazer preconceitos e alargar nossa compreensão acerca dos fenômenos migratórios.

Oswaldo Truzzi é Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e pesquisador 1B do CNPq.

✉ truzzi@ufscar.br

Karl Martin Monsma é Professor de Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador 1C do CNPq.

✉ karlmonsma@hotmail.com

Referências

1. MONSMA, Karl; TRUZZI, Olwaldo. Amnésia social e representações de imigrantes: consequências do esquecimento histórico e colonial na Europa e na América. *Sociologias*, v. 20, n. 49, p. 70-108, 2018.
2. MOYA, José C. Migração e formação histórica da América Latina em perspectiva global. *Sociologias*, v. 20, n. 49, p. 24-68, 2018.
3. OLIVEIRA, Márcio de. A sociologia da imigração no Brasil entre as décadas de 1940 e 1970. *Sociologias*, v. 20, n. 49, p. 198-228, 2018.
4. SCHPUN, Mônica Raisa. Lasar Segall entre viagens e migrações: um europeu nos trópicos. *Sociologias*, v. 20, n. 49, p. 230-256, 2018.
5. TANIGUTI, Gustavo T. O imigrante segundo as ciências sociais brasileiras, 1940-1960. *Sociologias*, v. 20, n. 49, p. 142-196, 2018.
6. WEIß, Anja. Tornar-se refugiado. Uma abordagem de trajetória de vida para a migração sob coação. *Sociologias*, v. 20, n. 49, p. 110-141, 2018.

Recebido: 30 set. 2018

ACEITO: 05 out. 2018